

Apresentação

Este número da *Revista de Ciências Humanas* (RCH, n.34, referente a outubro de 2003) é inteiramente dedicado à psicologia comparativa e é resultado de reflexões de alguns colegas que trabalham com comportamento humano ou animal, vinculados ao pensamento evolucionário, com o propósito de trazer informações sobre temas variados e apresentar proposições originais.

Nesse sentido, são abordados temas relacionados com o desenvolvimento ontogenético e filogenético da linguagem, a evolução da moralidade humana, a persistente dicotomia do inatismo e ambientalismo, os fatores ambientais e evolucionários que norteiam o investimento parental, estratégias reprodutivas (poliginia e poliandria ou estratégias *K* e *r*, por exemplo) em primatas e mamíferos de modo geral.

Também são discutidos os efeitos do enriquecimento ambiental, da privação social e manipulação neonatal sobre a plasticidade cerebral e modulação do comportamento. Em um outro texto são analisados a parturição em diferentes espécies e as teorias que explicam o desenvolvimento infantil em mamíferos; aqui, são apontadas as diferenças entre as espécies altriciais e precociais, a modulação da interação mãe-filhote,

a importância do choro e do aspecto físico dos bebês como eliciadores do comportamento parental. Existem poucas análises evolucionárias sobre a parturição e desenvolvimento do comportamento humano, de forma que estes textos procuram preencher esta lacuna.

No último texto é apresentado o modo como os avanços da neurociência auxiliam na compreensão do comportamento e o impacto desse conhecimento para o desenvolvimento da atividade profissional dos psicólogos; os estudos sobre o cérebro têm aumentado vertiginosamente, graças às modernas técnicas de neuroimagem, cujas informações poderão resultar em um conjunto sofisticado de métodos de tratamento de distúrbios comportamentais e neurodegenerativos.

Os textos foram construídos de forma mais abrangente possível, visando permitir que profissionais e estudantes de pós-graduação possam fazer uso deles. Uma leitura atenta permite concluir que os temas mantêm uma ligação entre si, pois é difícil discorrer sobre a linguagem humana sem esbarrar na dicotomia instinto vs. aprendizagem, da mesma forma que as postulações teóricas sobre o sistema monogâmico, cuidados biparentais à prole e o suporte emocional às parturientes estão relacionadas e refletem os custos energéticos elevados da atividade reprodutiva na espécie humana. Curiosamente, alguns pesquisadores brasileiros utilizam uma estranha palavra de origem grega, *doula*, para designar a mulher que acompanha as gestantes no momento em que vão dar à luz; trata-se de um estrangeirismo desnecessário, pois a nossa cultura dispõe de um vocábulo muito mais rico, do ponto de vista sentimental e etimológico, que é palavra “comadre”. Quando falamos em comportamento parental sempre vem à mente o relacionamento mãe-filhote, mas nos esquecemos que machos de algumas espécies também exibem respostas afiliativas em direção aos filhotes; uma análise comparativa pode auxiliar a compreensão deste fenômeno, tal como pode ser visto em dois textos arrolados neste número especial da *Revista de Ciências Humanas*.

O pensamento evolucionário não é novo, pois suas raízes se encontram na obra do naturalista Charles Darwin (1809-1882); a novidade é um dos enunciados para a explicação do comportamento humano, podendo contribuir para a compreensão de temas como monogamia e estratégias reprodutivas, investimento parental, origem dos valores morais e assim por diante. Trata-se de uma ousadia intelectual,

mas o pensamento científico sempre está associado com inovações e explorações de terrenos desconhecidos – além do mais, um leitor mais atento poderia argumentar, com algum grau de razão, que a explicação do comportamento humano à luz dos princípios evolucionários significa apenas o uso de antigas ferramentas para lidar com velhos problemas.

Por último, deixamos registrado algo obvio: a publicação de um texto científico no Brasil é uma proeza de alto significado e deve ser comemorada, por mais modesta que seja. Devido às precárias condições de trabalho e excesso de burocracia (gastamos a maior parte do nosso tempo redigindo relatórios ou participando de reuniões), o pensamento original não é estimulado nas universidades públicas; buscando fugir do rótulo da improdutividade, as pessoas tentam vencer os obstáculos, mas acabam mergulhando num mar de frustrações. Diuturnamente somos solicitados a justificar sobre a importância do nosso trabalho, mas, feito isto, nem sempre recebemos o que solicitamos e muitas vezes sequer somos merecedores de atenção das autoridades – nesse contexto, tudo parece conspirar contra a atividade científica.

Deixando as queixas de lado, os autores e o editor especial deste número esperam que a comunidade faça bom proveito das reflexões aqui arroladas. Torcemos para que este empreendimento seja útil aos espíritos inquietos! Que viceje a ciência!

Rogério F. Guerra – Editor especial